

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI  
Curso de Especialização Lato Sensu em Ensino de Geografia - Engeo  
Simone Gonçalves Souza

SIMONE GONÇALVES SOUZA

**CARTOGRAFIA SOCIAL COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA A  
EDUCAÇÃO DO CAMPO, NA PERSPECTIVA DE UMA ASSISTENTE  
SOCIAL: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA BONTEMPO ITAOBIM – MG.**

DIAMANTINA – MG  
2022

SIMONE GONÇALVES SOUZA

**CARTOGRAFIA SOCIAL COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA A  
EDUCAÇÃO DO CAMPO, NA PERSPECTIVA DE UMA ASSISTENTE  
SOCIAL: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA BONTEMPO ITAOBIM – MG.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós- graduação Lato Sensu em Ensino de Geografia (ENGEO) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Ofélia Ortega Fraile.

DIAMANTINA – MG

2022

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por ter me escolhido e capacitado á chegar até aqui, aos meus filhos Nikolle Gonçalves Miranda e Yan Marcelo Gonçalves Soares que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho, a todos os coordenadores, professores e colegas do curso sou grata pelos ensinamentos, compartilhamento e trocas ; em especial a minha tutora Juliana Gomes da Costa, pela dedicação e cuidado com os alunos, a minha orientadora de TCC Ofélia Ortega Fraile. A todos os amigos que fiz nessa jornada.

## **RESUMO**

A cartografia social é considerada um ramo do conhecimento cartográfico que está voltado às questões sociais, proporcionando aos povos tradicionais auxílio na demarcação de seus territórios, reafirmando seus sentimentos de pertencimento e os instrumentalizando na luta pelos direitos sobre eles. Este trabalho objetiva analisar as possibilidades da cartografia social como recurso metodológico para o ensino de geografia e sua contribuição para a educação do campo evidenciando o Serviço Social e sua relação com a educação do campo. O locus da pesquisa é a Escola da Família Agrícola Bontempo, no município de Itaobim, Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, que é uma escola do campo comunitária que oferta ensino médio técnico integrado em agropecuária para filhos de camponeses. Os procedimentos metodológicos utilizados são constituídos por conversas informais e observação das práticas sociais e culturais que envolvem a comunidade escolar. Diante do exposto verificou-se que com a necessidade de melhorar no mundo as perspectivas da sociedade, a cartografia e o serviço social podem e devem fazer um grande trabalho mapeando as anomalias, discrepâncias, rupturas e mazelas que vivem a sociedade e a partir dos dados levantados podemos amenizar o sofrimento de alguns por conta do assistencialismo.

**Palavras-chave:** Cartografia Social; Serviço Social; Educação do Campo.

## **ABSTRACT**

Social cartography is considered a branch of cartographic knowledge that is focused on social issues, providing traditional peoples with assistance in demarcating their territories, reaffirming their feelings of belonging and instrumentalizing them in the struggle for rights over them. This work aims to analyze the possibilities of social cartography as a methodological resource for teaching geography and its contribution to rural education, highlighting Social Work and its relationship with rural education. The locus of the research is the Escola da Família Agrícola Bontempo, in the municipality of Itaobim, Vale do Jequitinhonha in Minas Gerais, which is a community rural school that offers integrated technical high school in agriculture for peasant children. The methodological procedures used are made up of informal conversations and observation of social and cultural practices that involve the school community. Given the above, it was found that with the need to improve the perspectives of society in the world, cartography and social service can and should do a great job mapping the anomalies, discrepancies, ruptures and ills that society lives and from the data. raised we can alleviate the suffering of some on account of welfarism

**Keywords:** Social Cartography; Social service; Field Education

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	8
3. METODOLOGIA .....	11
4. BREVE HISTORICO SOBRE A EFA BOMTEMPO ITAOBIM - MG.....	14
5. RESULTADOS .....	18
6. DISCURSÃO .....	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
8. REFERENCIAS.....	

## **1 BREVE HISTORICO SOBRE A EFA BOMTEMPO ITAOBIM - MG**

A Associação Escola Família Agrícola do Médio e Baixo Jequitinhonha - AEFAMBAJE foi criada em outubro de 1999, a partir de demandas do MSTTR Movimento de Sindicatos de Trabalhadores Rurais do Vale do Jequitinhonha, visando contribuir para a formação de jovens filhos de agricultores (as) da região; Antes da implantação da EFA em Itaobim foi realizada uma pesquisa de viabilidade em 16 municípios sendo entrevistados 1.600 jovens. Essa pesquisa demonstrou que a criação da EFA era uma necessidade urgente da região, já que uma educação alternativa de qualidade, apropriada ao meio rural, é reivindicação dos jovens. Em Junho de 1999, foi realizado o primeiro seminário sobre Escola Família Agrícola e Formação profissional de Jovens rurais do Vale do Jequitinhonha, no qual se propõe a fundação da Escola Família Agrícola de Itaobim em um terreno da Fazenda Santa Luzia cedido em contrato de comodato.

Em outubro de 1999 é criada a Associação Escola Família Agrícola do Baixo e Médio Jequitinhonha (AEFAMBAJE). Com o objetivo de dar continuidade ao processo de mobilização, buscar recursos financeiros e humanos para implantação do projeto e gerir a EFA em seus aspectos administrativos e pedagógicos.

A EFA Bontempo Itaobim é então implantada em 2001 com a finalidade de ministrar o Curso de Ensino Médio e Profissionalizante - Técnico em Agropecuária em três anos. A metodologia de ensino se baseia nos preceitos da Pedagogia da Alternância, na qual o jovem alterna 15 dias em casa e 15 dias na EFA. A AEFAMBJE tem como principais funções:

Ser a entidade mantenedora do projeto Escola Família Agrícola Bontempo EFA BONTEMPO, bem como dar continuidade ao processo de mobilização das famílias associadas, buscar recursos financeiros e humanos e para gestão da EFA Bontempo, nos aspectos administrativos e pedagógicos, assim como multiplicar experiências de organização popular e atividades produtivas sustentáveis nas comunidades originárias.

Em marco de 2007, AEFAMBAJE recebeu um despacho da justiça que concedia à FBD a reintegração de posse das terras cedidas em comodato para o funcionamento da escola. Porém, neste dia, ocorreu uma articulação política para que a escola continuasse funcionando de acordo com o contrato de comodato,

conseguindo assim, a AEFAMBAJE, adiar esta decisão. Durante o prazo dado pela justiça, a entidade entrou com um recurso no Supremo Tribunal de Justiça(STJ) do Estado, pedindo uma liminar, garantindo assim, o funcionamento da escola. Em 2008 foram julgadas as defesas e dada a sentença a favor da FDB e o despejo poderia acontecer a qualquer momento por um novo mandado de reintegração de posse (Cr processo nº 04|407016973-8). Mesmo assim, a EFA continuou a cada ano formar uma turma e seccionar nova turma de jovens para fazer o curso.

Em 2011 e 2012, foram traçadas várias estratégias com todas as pessoas e entidades envolvidas ao projeto EFA Bontempo (estudantes, monitores, diretores, entidades parcerias, etc.) buscando garantir a continuidade e funcionamento da EFA Bontempo naquele local. Um encaminhamento foi buscar apoio político juntamente com a Secretaria Estadual de Educação, visando dar continuidade às atividades da escola com a desapropriação daquela área, tendo em vista a sua função social. E para isto contou com a AMEFA, a FETAEG para apresentara proposta de um decreto a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (SEE-MG).

Depois de várias reuniões, foi encaminhado o decreto n 249, de 17 de abril de 2012 declarando a utilidade pública, da área em conflito, desapropriando o imóvel para garantir o funcionamento da EFA Bontempo no município de Itaobim. Resultado de muita luta popular e uma conquista histórica para educação dos filhos e filhas dos agricultores do Médio e Baixo Jequitinhonha; outras ações efetivas foram audiências públicas na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e passeata em defesa do projeto EFA Bontempo com o fechamento da BR-116 no trevo da cidade de Itaobim-MG. Todo o processo também foi cadastrado no MAPA de conflitos agrários do Estado de Minas Gerais.

Objetivos Gerais da Instituição, abrangência e público alvo

Promover uma educação gratuita, de qualidade e diferenciada de ensino médio integrado a formação profissional técnico em agropecuária, ou em outra área profissional pelo sistema das escolas famílias agrícolas e a pedagogia da alternância.

Promover o estabelecimento de intercâmbios, a produção de pesquisas e publicações, bem como a realização de eventos, reuniões, ciclos de estudos, debates, conferencias, palestras, e outros afins.

Buscara promoção e o desenvolvimento sustentável através da educação - formação de jovens, valorizando o espírito de solidariedade e respeitando o meio ambiente.

Possibilitar a geração de trabalho e renda através da profissionalização de jovens do Vale do Jequitinhonha. Valorizar e transmitir tecnologias sociais adaptadas para a região do semiárido;

A EFA BONTEMPO tem como público alvo principal jovens filhos e netos de trabalhadores e trabalhadoras rurais que residam preferencialmente na região do Médio e Baixo Jequitinhonha, área de sua atuação, no entanto, atende também alguns municípios do Vale do Mucuri.

Com isso, a EFA Bontempo está no 19º ano de formação de jovens, enfocando a busca e adoção de tecnologias alternativas para o semiárido mineiro; realiza a formação dos pais e mães de alunos e alunas durante os três anos de formação do quadro discente em três módulos anuais está se articulando junto com as famílias e os jovens agricultores alunos, para o acesso ao financiamento dos projetos profissionais, como garantia de Permanência da juventude na região.

A EFA Bontempo adota vários eixos de atuação, historicamente o projeto central é na área de educação popular, na formação de jovens rurais a nível de ensino médio e profissionalizante - Técnico em Agropecuária de 21 municípios do Médio e Baixo Jequitinhonha, através da Pedagogia da Alternância (onde os jovens ou as jovens educandos (as) passam um período de 15 dias no meio familiar e comunitário e outro igual período na EFA), para atuarem no campo e contribuir nas políticas públicas e desenvolvimento de projetos que visam promover as comunidades e melhorias de produção local que incentivem também maior retorno financeiro. Outro eixo de atuação está na área de assistência técnica para as comunidades rurais.

A entidade já desenvolveu ação de ATER Assistência Técnica e Extensão Rural para grupo de mulheres do território de cidadania Baixo Jequitinhonha e no Médio Jequitinhonha. A Escola Família Agrícola Bontempo é uma escola que adota a pedagogia da alternância, onde há momentos de estudos no meio sócio profissional e outros na sessão escolar. A pedagogia da alternância é uma das ferramentas para ajudar na busca de geração de emprego e renda, segurança alimentar e profissionalização de jovens agricultores rurais e seus familiares. Atualmente a EFA

Bontempo atende a 126 jovens rurais dos diversos municípios do Médio e Baixo Jequitinhonha.

PRINCIPAIS PARCERIAS: A AEFAMBAJE é filiada à Associação Mineira das Escolas Família Agrícola - AMEFA, que por sua vez é filiada a UNEFAB União Nacional das Escolas Família Agrícola. A UNEFAB é filiada a AiMFR - Associação Internacional das Casas Familiares Rurais com sede na França.

A AEFAMBAJE atua ou já atuou com diversos parceiros em diversos projetos  
Parceiros Contínuos: ITAVALE Instituto dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Vale do Jequitinhonha Secretaria de Estado da Educação (Governo de Minas Gerais) Mestres de Estágios (profissionais voluntários que atuam diretamente no dia a dia da escola) que Agricultores e agricultoras familiares que disponibilizam suas propriedades para instrumentos de intercambio, pesquisas e extensão rural. 8 Prefeitura Municipal de Itaobim - (Repasse de merenda escolar, transporte e outros) Sindicatos de Trabalhadores Rurais do Médio e Baixo Jequitinhonha Prefeituras Municipais da região (disponibilizando transporte escolar para os(as) alunos(as)).

Parceiros Pontuais: UFMG -Universidade Federal de Minas Gerais CESE Coordenadoria Ecuménica de Serviços FASE RJ MANOS UNIDAS VITAE Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA; IDENE Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais EMATER MG Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais IMA Instituto Mineiro de Agropecuária AMEJE Associação de Municípios do Médio Jequitinhonha EMBRATEL Empresa Brasileira de Telecomunicações EPAMIG - Empresa de Pesquisa de Agropecuária de Minas Gerais UFVJM- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri AMA Articulação Mineira de Agroecologia MAB Movimento de Atingidos por Barragens FETAEMG Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Minas Gerias IFNMG (Campus Araçuaí e Almenara) Deputado Rogério Correia Deputado Carlinhos Moura Evaldo Lucio Peixoto Sena - Prefeito de Medina-MG.

A EFA Bontempo foi objeto empírico de três dissertações de mestrado, sendo duas na FAE UFMG e uma na UFSCAR. Ao longo destes 10 anos de funcionamento listamos algumas conquistas mais importantes: Educação apropriada à realidade da juventude rural do Vale do Jequitinhonha, através do sistema de alternância; 212 Jovens habilitados como técnicos em agropecuária, formados no período de 2003 a 2009, com direito ao registro no CREA-MG; 87% dos jovens egressos continuam

vivendo no meio rural 39% dos jovens egressos ingressaram em Universidades Federais (UFMG, UFVJM etc.) 26% dos jovens egressos inseridos na agricultura familiar 55% dos jovens egressos inseridos em trabalho compatível com a formação em agropecuária 150 comunidades rurais atendidas no Médio e Baixo Jequitinhonha.

Reconhecimento da EFA Bontempo pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, conforme Parecer do Conselho Estadual de Educação N° 14/06 23/01/06 e Parecer n° 271/06 de 09/03/06 Reconhecimento do Curso Técnico em Agropecuária pelo MEC. Fonte: Arquivos da EFA Bontempo, dados de 2010.

## **2 INTRODUÇÃO**

O objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é analisar a cartografia social como recurso metodológico para o ensino de geografia e sua contribuição para a educação do campo, em especial, a Escola da Família Agrícola (EFA) Bontempo, no município de Itaobim, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, MG. No Vale do Jequitinhonha, região de intensos conflitos agrários, a organização popular se faz presente trazendo toda sua cultura e em este caso, essas lutas se concretizam na escola comunitária EFA Bomtempo.

Assim como as EFAS de Minas Gerais e do Brasil, a Escola da Família Agrícola Bontempo de Itaobim – MG, busca, essencialmente, promover uma visão do campo como espaço de vida e riqueza, são escolas comunitárias que são geridas pela associação de moradores e sindicatos rurais vinculados à comunidade, uma iniciativa realizada pela pedagogia de alternância, método de ensino pensado para jovens que vivem no campo que permite conciliar trabalho e educação sem forçar o êxodo rural dos jovens.

Fundada em 2001, surgiu em encontros comunitários na década de 90 a partir da luta do movimento sindical dos trabalhadores rurais e diante o cenário que vivia a juventude do Vale do Jequitinhonha. Os jovens do vale, principalmente os homens, migravam para grandes centros urbanos ou para as lavouras de cana-de-açúcar em São Paulo, a grande maioria sem escolarização e nenhuma qualificação profissional, onde eram submetidos a diversas situações de risco e precarização laboral.

A pesquisa analisa a importância do uso de novas metodologias para o Ensino de Geografia. A linha de pesquisa Educação do Campo proporcionará um aprofundamento em pesquisas já desenvolvidas. O contato com a comunidade escolar foi de grande importância, com o intuito de demonstrar o Ensino de Geografia na perspectiva do Serviço Social, proporcionando a valorização da profissão e demonstrando a possibilidade de uma temática que valoriza a Educação do Campo e reafirma a necessidade de proteção do Estado e criação de políticas públicas em prol as EFAs no Brasil.

Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma discussão teórica acerca dos desafios e possibilidades do ensino de Geografia na educação do campo, com o intuito de entender a importância da cartografia social como recurso metodológico no ensino de geografia e sua contribuição para a educação do campo. Partimos da não neutralidade da cartografia e no sentido de uma construção de educação comprometida com a realidade que também não é neutra, dando enfoque para as contribuições que levem à compreensão do espaço geográfico por alunos da EFA Bomtempo. Com base na literatura sobre cartografia social e educação do campo, busco apresentar sumariamente as aproximações e as potencialidades dessa metodologia enquanto prática pedagógica.

Conforme (Freire, 2005, p.28), o espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.

As EFAS originaram – se de movimentos sociais, o estado não assistia devidamente as populações do campo em termos de políticas públicas, e os jovens do meio rural se viam obrigados a sair da propriedade familiar para poder estudar na cidade. Vale ressaltar que as EFAs em Minas Gerais, de forma geral, surgiram a partir da articulação de grupos de agricultores e lideranças da região, muito motivada pelo trabalho realizado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Diante dessa

repercutindo uma reflexão por parte das comunidades rurais sobre temas diversos da realidade experimentada por esses trabalhadores e trabalhadoras.

Segundo Caldart (2012, p. 262) a Educação do Campo por emergir das questões práticas, reconhece “a riqueza social e humana da diversidade de seus sujeitos: formas de trabalho, raízes e produções culturais, formas de luta, de resistência, de organização, de compreensão política, de modo de vida”.

Sendo assim, quando se trata de articulação entre a educação e o trabalho, a Educação do Campo propõe que a escola não se desvincule da vida e das necessidades materiais de existência. Recaindo sua crítica justamente no modelo dominante de educação/escola, que segrega, estrategicamente, o trabalho manual do intelectual. Conforme Machado (2003, p.121), a relação entre educação e trabalho é composta por uma “multifuncionalidade de fatores” que possibilita encará-la como processo de humanização numa perspectiva omnilateral.

Este estudo vem ao encontro do desejo de usar a minha formação no Curso de Especialização em Ensino de Geografia, tendo como contribuição para a escola a realização da pesquisa com a elaboração de um levantamento de dados demonstrando seus benefícios e sua contribuição para os alunos das comunidades do campo. É de conhecimento geral que a Geografia é a ciência que estuda elementos físicos, biológicos e humanos, e suas relações com o planeta Terra, sendo assim o ensino de Geografia tem como objetivo desenvolver o raciocínio crítico, para que os alunos tenham a possibilidade de perceber, de forma coerente e real o mundo à sua volta.

Diante do apresentado, este estudo objetiva compreender e valorizar a EFA Bontempo, com o intuito de promover o debate na universidade sobre a importância da cartografia social na educação do campo. Existem propostas de abordar esse tema no ensino na LEC da UFVJM na área das Ciências da Natureza.

Por meio do estudo empreendido busco compreender as potencialidades da cartografia social no ensino aprendizagem, observando como o conhecimento da linguagem cartográfica na problematização da realidade do cotidiano escolar permite o desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Por outro lado, destaco a importância do Serviço Social no Ensino de Geografia, possibilitando novas temáticas para valorização da profissão, e o potencial da Cartografia Social para o ensino da Geografia na educação básica. A partir desta análise são propostas para os docentes algumas possibilidades de como trabalhar os conteúdos na escola.

Considerando que a cartografia permite compreender que os conteúdos também estabelecem conexões com a realidade, por isso, entendemos que ela propicia a aprendizagem na perspectiva de “comunicar os conhecimentos geográficos através das representações cartográficas” (FRANCISCHETT, 2002, p. 14).

Segundo Guterres (2015), a cartografia, e os mapas foram fundamentais, para “legitimar” colonizadores e: [...] para as “conquistas” de nossos territórios ameríndios (e também de outros) e para a definição do Estado como uma “entidade espacial”, posteriormente para construir nacionalismos pós-coloniais ainda herdeiros de lógicas coloniais. (GUTERRES., 2015, p. 15).

Contra-pondo-se a este pensamento colonialista, surge a cartografia social (CS), sendo um processo que tem como ponto de partida a comunidade que escolhe mapear o território com a participação da comunidade como estratégia de luta e resistência.

A CS busca auxiliar no reconhecimento legal do território, identificando os seus usos tradicionais, conflitos, fragilidades, potencialidades e empoderando esses sujeitos para estimulá-los a agir sobre o território para transformá-lo ou assegurar seus direitos sobre ele. A CS propõe uma transformação no processo de produção de conhecimentos cartográficos pois parte da premissa de que os mapas não devam ser feitos apenas por “especialistas” dos órgãos governamentais e institucionais. Dessa maneira, a CS propõe um corpo teórico-metodológico no qual as comunidades representam seus territórios a partir dos seus conhecimentos e suas subjetividades, de tal forma que os sujeitos das comunidades produzam seus próprios mapas a partir dos seus próprios objetivos, sendo estes então, críticos e participativos. Portanto uma importante metodologia participativa para o engajamento político e social de comunidades camponesas e grupos sociais fragilizados social e economicamente, principalmente as comunidades rurais, ganhando destaque na luta pelo território e sua defesa.

Segundo Acselrad (2008) a cartografia social é um processo pelo qual tem como princípio a representação da realidade, identidade e culturas dos sujeitos, por eles mesmos. Para isso é necessário a percepção e representação, cartografia tem esse nome pois é de cunho especificamente social.

A pesquisa analisa a importância do uso de novas metodologias para o ensino. A linha de pesquisa Educação do campo proporciona um aprofundamento em pesquisas já desenvolvidas.

Vale ressaltar que a Geografia tem seu lugar assegurado na educação básica enquanto ciência e disciplina responsável por trabalhar conteúdos que possibilitem um conhecimento espacial crítico da realidade. Nessa perspectiva, desde os anos iniciais do ensino fundamental, os(as) estudantes passam a identificar e a sistematizar elementos do espaço vivido para, a partir deles e com a mediação dos(as) professores(as), estabelecer as relações com os processos em diferentes escalas espaciais. Assim, vai sendo produzida uma leitura de como o lugar é produto da relação, histórica e dialética, entre a razão global e a razão local (SANTOS, 2008).

### **3 REVISÃO DA LITERATURA**

Observa-se que na atualidade a cartografia social vem se tornando uma importante metodologia participativa para o comprometimento e a execução do papel político e social de comunidades tradicionais e grupos sociais fragilizados social e economicamente, configurando-se como um instrumento de produção de conhecimento e mobilização.

É possível afirmar que a cartografia social é utilizada como uma ferramenta que facilita o conhecimento e análise de informações geográficas, espaciais, sociais, antropológicas e ancestrais. Nesse contexto é usada como base para validação das lutas pelos territórios dos sujeitos sociais. É utilizada em escala local podendo oferecer riqueza de detalhes como diagnóstico da realidade, permitindo a análise de diversos elementos, tanto sociais quanto culturais e econômicos, isso faz com que os sujeitos e/ou lugares estudados sejam valorizados. Esses conjuntos de ações e estudos valorizam o conhecimento tradicional e cultural (COSTA, 2016; GOMES, 2017).

Segundo Silva e Gomes (2018), a cartografia social é um processo de mapeamento com envolvimento dos sujeitos sociais, visando a autoafirmação e através disso as reivindicações e lutas por direitos no/do território. Sendo assim, exige dos sujeitos sociais (tanto a população quanto os técnicos e ou pesquisadores) a boa relação e a troca de experiências junção que permitirá a riqueza de detalhe no

trabalho final. “Nessa perspectiva a cartografia social é um processo organizativo, de visibilidade e mobilização social.”

Na cartografia social está imbricado o reconhecimento da importância dos saberes dos sujeitos sociais sobre o seu território, por isso integra-os diretamente no processo de representação. Por meio de reuniões e oficinas de trabalho, incorpora a produção dos mapas, os depoimentos, os debates coletivos entre as pessoas das comunidades, a produção de croquis e os registros fotográficos [...] Ou seja, compreende-se que o mapa em si é limitante para representar a realidade e, por isso, envolve outras linguagens, em um processo de construção dialógico e coletivo[...] (Silva; Gomes, 2018, p.227).

Para (OLESKO; ROCHA, 2014), é possível analisar que a cartografia social é sim um instrumento de reivindicações e conquistas de direitos, há uma gama de projetos conquistados que demonstram o potencial da experiência cartográfica realizada com fins de autorreconhecimento identitário e territorial por grupos e comunidades com culturas próprias e únicas, permitindo sair da invisibilidade social e se inserir na sociedade como sujeitos sociais com culturas próprias, e essa prática de envolvimento das comunidades na construção dos mapas permitiu que esses sujeitos representassem seu território e conseguissem expor os conflitos territoriais. Nesse contexto podemos descrever a importância do Serviço Social para a Educação do Campo e foi nessa perspectiva, de reagir às desigualdades e se afirmar como sujeitos políticos que a primeira pauta dos Movimentos Sociais foi consolidar uma outra nomenclatura para designar o ensino no espaço rural: A Educação do Campo que, muito mais que uma simples questão semântica, busca garantir uma nova releitura para o processo de ensino-aprendizagem, partindo do “(...) sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho”.(FERNANDES, 2004:25).

Em relação à não neutralidade da cartografia, conforme Harley (2005) aponta existem três pontos que permitem identificar os contornos ideológicos dos mapas: 1) constituem-se em um tipo de linguagem que remete a visões de mundo e a processos de produção e interpretação de um tipo de discurso; 2) a iconografia é um recurso para enviar-receber mensagem ao mesmo tempo em que reproduz e comunica um poder político; 3) influenciam no entendimento político da sociedade, isto é, na forma como ela percebe e compreende o mundo. Portanto ao tratarmos da cartografia como

um suporte da ação política, Acselrad e Coli (2008, p. 13) afirmam que os mapas devem e ser correntemente apresentado como um enunciado constatativo do real, não deixando de ser um enunciado performático, que diz algo sobre o real e sobre este produz efeitos”.

Entretanto podemos considerar que na política dos mapeamentos estabeleceu-se uma disputa entre distintas representações do espaço, ou seja, uma disputa cartográfica que articula-se às próprias disputas territoriais” (ACSELRAD & COLI, 2008, p. 14). Considerando que este contexto também perpassa pela escola e, no caso específico da Geografia, revela-se nos mapas utilizados como material pedagógico, retomando a perspectiva de que a representação do mundo é produzida sempre a partir de um determinado ponto de vista.

Segundo Francischett (2004, p. 04), desde a perspectiva da Geografia, manifesta a relação dessa ciência com a Cartografia: “a Cartografia é a representação e o geógrafo, para representar, precisa conhecer, descrever e viver o espaço”. Embora reconheçamos a importância do geógrafo no processo de análise, concepção e representação do espaço geográfico, como destacam Francischett (2004) e Martinuci (2016), a depender da intencionalidade do mapa e do arsenal de informações necessárias para cartografar determinado território, torna-se fundamental envolver outros sujeitos nesse processo.

Vale salientar que os mapeamentos participativos, nos quais se incluem a Cartografia Social, têm por objetivo conferir protagonismo a diferentes grupos sociais – indígenas, camponeses, quilombolas, comunidades de periferia – e dar visibilidade à forma como eles compreendem, representam e planejam os seus territórios. Segundo a definição de Santos (1999, p. 08) que, ao defender o uso do termo território, afirma que “o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência.”

Sendo assim, olhar o território sob este prisma nos faz refletir sobre as relações de poder que o envolvem, bem como as intenções políticas e pedagógicas, a luta de classes e as relações sociais, de poder e de controle que o definem. Se desvincularmos esses elementos não conseguiremos compreender a realidade (FARIAS & FINATTO, 2018).

Demonstrando de imediato enquanto recurso metodológico, a cartografia pode ser utilizada tanto na análise do espaço rural como do espaço urbano, possibilitando, inclusive, uma análise territorial que articula essas duas dimensões do espaço

geográfico, portanto contribui para a superação da dicotomia campo-cidade, visto que possibilita compreender a dimensão do território e suas relações.

Martinuci (2016, p. 41) afirma que:

A Cartografia, é preciso dizer, não é uma teoria do espaço geográfico, mas sim pode se constituir em um meio de fornecer subsídios para pensar os problemas sociais e espaciais de nosso tempo. Pode contribuir para a comunicação, para o questionamento, para a constatação das injustiças, das desigualdades, mas, também, para a elaboração de hipóteses e para a teorização. O mapa é a parte material do nosso esforço teórico, do nosso trabalho de compreender a realidade.

#### **4 METODOLOGIA**

A realização deste estudo baseou-se numa abordagem qualitativa, a partir do aprofundamento teórico das áreas de Ensino da Geografia, Educação do Campo e Cartografia Social que permitiram criar interpretações e que guiaram as análises das referências, da experiência pessoal e da observação assistemática e participante. O trabalho foi estruturado a partir da pesquisa bibliográfica descritiva e foi feito um levantamento de dados socioeconômicos, servindo como base para a discussão afim de entender a origem, a finalidade e os critérios da escola.

De forma simultânea, a partir da delineação do objetivo deste trabalho, iniciei um processo de recuperação de minhas experiências pessoais no contexto em questão, além de conversas informais e observação das práticas sociais e culturais que envolvem a comunidade escolar.

O diálogo com o público envolvido aconteceu de modo individual com: diretor, professor, estudantes egressos da EFA e dois professores de geografia da EFA. Estas conversas foram espontâneas, uma vez que se objetivava traçar um panorama da comunidade escolar, e no caderno de campo foram registrados elementos relacionados com o objetivo da pesquisa. O grupo ao qual se direcionaram as reflexões tem experiência direta e indireta com a Escola Família Agrícola (EFA). Tem histórico de participação em atividades de organizações e/ou movimentos sociais. Portanto, é um grupo que tem uma visão sobre o uso de cartografia social como recurso metodológico para a educação do campo.

A análise dos “resultados” no tópico “discussão” perpassa também a minha experiência pessoal, pois, além de ser assistente social, durante o estágio da faculdade fiz visitas na EFA, além de residir no município de origem e conviver com a

comunidade escolar. Nesse sentido, podemos entender que a pesquisa tem caráter etnográfico. A perspectiva etnográfica possibilitará entender a escola sua relação territorial, identitária, agrícola. Serão realizadas entrevistas formais, informais, vivência no trabalho diário, encontro no cotidiano, eventos e reuniões. Tendo como referencial teórico Ricardo Seiza Salgado que afirma. Numa primeira aceção, a etnografia deve ser encarada como o produto de um cocktail de metodologias que partilham da suposição que o envolvimento com o sujeito é chave para a compreensão de uma cultura ou moldura social particular. Essa moldura sociocultural possibilita configurarmos um contexto, de onde emergem as questões, os enigmas da investigação, permitindo pensar o modo como o trabalho poderá ser realizado. A componente comum deste cocktail de metodologias é a observação participante, o método favorito da antropologia. (SALGADO, 01 2015).

A partir dos objetivos traçados foram elaboradas algumas questões que orientaram a busca e a sistematização das informações sobre a comunidade escolar, se baseou em nove tópicos principais, que contribuem para uma síntese dos principais elementos culturais que apareceram nas conversas. As principais questões foram

1. Qual a sua experiência com a educação do campo e a cartografia social?
2. Na sua opinião a cartografia social possibilita conhecimento da linguagem cartográfica e a problematização da realidade do cotidiano escolar?
3. Na sua opinião qual a contribuição da cartografia social para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos?
4. Considera importante o uso da cartografia social como recurso metodológico para a educação do campo e quais suas funções no ensino de geografia? Porque?
5. Qual a Importância do Serviço Social para a Geografia?
6. Na sua opinião quais os principais benefícios da Escola da família Agrícola Bontempo e sua contribuição para a agricultura familiar e permanência dos jovens no campo.

Diálogos aconteceram de forma descontraída com o objetivo de extrair o máximo dos dados que compõem o resultado do estudo. Estes dados foram anotados após cada experiência significativa. Ao término da coleta dos dados, os mesmos foram sistematizados em cinco eixos principais a partir dos elementos mais relevantes presentes nas falas ordinárias.

Em busca do método mais adequado para a pesquisa proposta, entendo que o olhar do Assistente social foi muito importante para o desfecho da pesquisa, através de sua contribuição para relatórios socioeconômicos. Buscou-se a partir do tema de pesquisa acionar diversas áreas que podem contribuir com a discussão como a geografia, a antropologia, a história, entre outras.

Abordar o tema – estudos socioeconômicos – no âmbito do Serviço Social remete a pensá-lo, inicialmente, enquanto parte intrínseca das ações profissionais dos assistentes sociais. Afinal de contas o desenvolvimento das ações profissionais pressupõe o conhecimento acurado das condições sociais em que vivem os sujeitos aos quais elas se destinam, sejam indivíduos, grupos ou populações.

No entanto, esse tema se impõe ao debate, de forma especial, quando a Lei n. 8.662, que dispõe sobre o exercício da profissão, no seu artigo 4º, lhe atribui o estatuto de competência profissional. Entre outras competências elencadas nesse artigo, o item XI afirma que constitui competência do assistente social “realizar estudos sócio-econômicos com usuários para fins de benefícios e serviços sociais junto a órgãos da administração pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades” (CRESS/SC, 1999).

Sendo assim, nessa perspectiva, os assistentes sociais aprimoraram os seus instrumentos e técnicas – tais como a entrevista, a observação, a visita domiciliar – direcionados basicamente para o processo de averiguação dos modos de vida dos indivíduos. Portanto, houve no interior das instituições, um processo de burocratização dos procedimentos e de regulamentação para a condução dos estudos socioeconômicos.

Seguindo essa linha, enraizaram-se no interior da profissão as bases dessa concepção e das formas de operar os estudos socioeconômicos. Vale ressaltar a sua ritualização tem encontrado terreno fértil no contexto da lógica neoliberal que revigora tanto o ideário de seletividade e merecimento na obtenção de auxílios materiais e de

serviços, quanto incentiva o processo de refilantropização e despolitização do tratamento da questão social (YASBEC, 2000)., 2000).

Com o intuito de fugir da pesquisa concentrada em uma disciplina, Santos (1988) afirma que: “É hoje reconhecido que a excessiva parcialização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado e que isso acarreta efeitos negativos” (SANTOS, p. 64, 1988).

Nessa perspectiva, o exercício interdisciplinar que contribui é o entendimento das diferentes escalas de mediação de fenômenos sociais, descrevendo a importância de adequar novas profissões para o ensino de Geografia. Apontando outras provocações de pesquisa como no aspecto cultural, a identidade do Vale do Jequitinhonha, e no social, o levantamento socioeconômico dos alunos.

Outro fator importante inicialmente tratado no projeto foi a pesquisa de opinião com a diretoria e professor de geografia sobre cartografia social na EFA. O trabalho de pesquisa teria a duração total de dois meses, com questionários (pesquisa de opinião); Observação sistemática; Levantamento de dados; Análise de Documentos.

Porém as limitações relacionadas à submissão da proposta ao Comitê de Ética dentro do cronograma do ENGEO e outras dificuldades relacionadas à disponibilidade dos sujeitos para esse tipo de pesquisa impediram a realização deste estudo sócio econômico.

Pelo curto tempo de observação foi finalmente utilizada a perspectiva etnográfica, que possibilitou utilizar os métodos sem permanecer na escola durante a pesquisa tendo como suporte de levantamentos de dados e análise o caderno de campo.

Assim, a pesquisa documental e a pesquisa de campo trouxeram um ponto de vista, neste caso um olhar de dentro da escola sobre sua cultura e de instituições diversas. Conforme Geertz (1989), traz da interpretação dos etnográficos são construções das construções de outras pessoas. No caso deste trabalho será uma construção a partir de construções de diversos sujeitos. Podemos entender melhor essa relação com uma citação de Geertz (1989):

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmas interpretações e na verdade, de segunda e terceira mão (por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura) Trata-se, portanto, de ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de fictio – não que sejam falsas, não – fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, p.26, 1989).

Logo, a metodologia de pesquisa buscou contribuir na discussão do acesso ao conhecimento científico pela sociedade mais ampla, trazendo uma temática que valoriza a educação do campo e reafirma a necessidade de proteção do Estado e criação de políticas públicas em prol das EFAs do Brasil.

Tendo como objetivo compreender a relação da cartografia social e geografia na educação do campo, a metodologia contruibuiu muito com a análise dos dados e com a valorização da Escola da família Agrícola Bontempo Itaobim – MG.

## **5 RESULTADOS**

A partir dos aspectos indicados no item “Metodologia” as conversas realizadas e experiências vividas recuperadas para a produção deste trabalho foram sistematizadas considerando as questões mais relevantes e recorrentes apontadas pela diretoria, professores de geografia e ex-alunos da EFA. Abaixo, apresenta-se tal sistematização de acordo com cinco eixos:

A. Importância do uso de cartografia social como recurso metodológico para educação do campo e suas funções para o ensino de Geografia:

A cartografia social tem a função de aproximar o olhar para o lugar, colaborando com um posicionamento crítico sobre a realidade, os benefícios de aprendizagem com a cartografia são inúmeros, pois são desenvolvidas habilidade de várias áreas de ensino durante os anos escolares capaz de desenvolver o senso crítico do aluno, que comparando regiões pode chegar a conclusões de como funciona a sociedade em que vive. Provoca a construção de novos códigos que podem ser problematizados pelo professor e assim reavaliar em conjunto o seu emprego. Ela pode ser vista como um processo de construção coletiva. Destacando que Cartografia Social é um caminho para a Cartografia que leva a entender a importância dos mapas e o aspecto da intencionalidade na elaboração de cada um. O professor pode propor uma série de

atividades aos alunos, como a construção de maquetes, reproduções de escala e desenhos de mapas com trajetos conhecidos, sempre ensinando os conceitos cartográficos envolvidos. Fotos de satélite usando o Google Earth é uma ótima ferramenta para os alunos explorarem diversas regiões. Para os ex-alunos o contato com a cartografia social, possibilitou desenvolver atividades que auxiliou reconhecer sua própria realidade. Ou seja, a sua comunidade sob diversos aspectos, sociais, políticos e territoriais, para entender melhor sua propriedade, sua comunidade, sua vizinhança e assim, desenvolver um conhecimento geográfico, partindo do local para o regional, e assim sucessivamente. Considerando importante, compreender que sua função de nortear o sujeito aluno a se localizar dentro das seguintes realidades: social, geográfica, climática, costumes, entre outras.

B. Experiência com a educação do campo e cartografia social:

O diretor que também foi aluno da EFA argumentou que no processo de formação a cartografia social se fez presente em sua formação através das experiências com planos de estudo na EFA Bontempo e na sua formação superior, o trabalho com essa metodologia viabiliza conhecer mais de perto as potencialidades do ensino através da participação efetiva nos aspectos sociais. Destacando o engajamento nos movimentos sociais da educação do campo de suma importância para conhecer e desenvolver os princípios da educação do campo, fortalecendo sua formação a partir da Graduação na UFVJM no curso de Licenciatura em Educação do Campo. O professor de Geografia relatou ter mais de 20 anos de trabalho na Efa Bontempo e neste tempo já acumulou várias funções tais como a de diretor, monitor de Geografia, História, informática, uma experiência de enriquecimento pessoal com a troca de diferentes saberes adquiridos com estudantes agricultores e parceiros. Considera o uso da cartografia social um importante instrumento de aprendizagem na disciplina. Para os ex-alunos, a educação no campo foi uma base importante na sua formação humana e profissional. A cartografia social trouxe elementos intrínsecos a vida no campo, possibilitando o diagnóstico de sua origem, posição socioeconômica, e sobretudo um olhar mais amplo sobre os valores e riquezas do Vale do Jequitinhonha, uma vez que estavam sempre pesquisando sobre suas próprias raízes e conseqüentemente o território, já que também tinham muitos espaços de troca. Logo, conseguiam conhecer um pouco do território de cada estudante

C. Contribuição da cartografia social para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Questionados sobre a importância do uso da cartografia social para os alunos, evidenciaram que a cartografia social é de extrema importância para desenvolver o senso crítico dos estudantes pois ao aproximá-lo da realidade, do lugar permite uma reflexão crítica do meio e uma abordagem mais realista do espaço geográfico. Contribuindo diretamente para o desenvolvimento pessoal permitindo trabalhar com a realidade vivenciadas com temáticas específicas diante de cada objetivo, possibilitando o reconhecimento dos territórios pelos sujeitos sociais que estão na região que vai ser representada através do mapeamento. Aproximando o olhar crítico do estudante sobre o contexto em que vive usando a linguagem cartográfica pode problematizar a realidade e desenvolver o senso crítico, permitindo um olhar prévio das questões pertinentes de determinada realidade para ser trabalhados em diferentes espaços educativos. A partir do momento que o sujeito aprende sobre seus direitos enquanto cidadão, aprende identificar sua posição em determinado território, aprende a valorizar sua cultura, seus costumes e naturalmente terá um bom desenvolvimento de senso crítico, verá o mundo de forma diferente, com sabedoria para se posicionar, uma vez que a cartografia social traz conhecimentos que empoderam, já que ela é útil para entendermos o nosso lugar na sociedade, a nossa cultura, o nosso território e isso nos fortalece para buscar nossos direitos.

D. Os principais benefícios da Escola da família Agrícola Bontempo, sua contribuição para a agricultura familiar e permanência dos jovens no campo, processo de escolha de alunos e eixo de atuação.

Na questão sobre a importância da Escola Família Bontempo em Itaobim - MG, a instituição vem desenvolvendo uma formação que possibilita os jovens serem protagonistas da sua própria história, através da formação social, educativa e profissional viabilizando desenvolvimento sustentável dos Territórios rurais, viabilizando o jovem não apenas permanecer no campo, mas sim dar condições de atuar em outros espaços para seu próprio desenvolvimento. Promovendo uma educação gratuita, de qualidade e diferenciada de ensino médio integrado a formação profissional técnico em agropecuária, ou em outra área profissional pelo sistema das escolas famílias agrícolas e a pedagogia da alternância, contribuindo com a

agricultura familiar ao possibilitar, através dos instrumentos pedagógicos da alternância, uma troca de saberes entre o meio socioprofissional e o conhecimento técnico adquirido na escola. Possibilitando realizar intercâmbio com o intuito de desenvolver habilidades necessárias para continuar no campo com qualidade de vida.. Os ex alunos argumentaram que A EFA faz um trabalho muito importante para a agricultura familiar, pois resgata a autoestima do estudante do campo. Ela nos ajuda a nos identificar com o nosso território, a valorizá-lo, e a vê-lo como um lugar de potencialidades. Além disso, a parte técnica nos municia para o trabalho, ou seja, aprendemos a valorizar o trabalho no campo a e potencializar este trabalho, para a geração de renda. É óbvio, que somente a técnica e a boa vontade não são suficientes, se não houver políticas públicas para apoiar a produção no campo, por isso, a permanencia não é tão simples, mas acredito que o papel da EFA é fundamental para que a juventude possa no mínimo, ter a possibilidade de escolher entre ficar no campo e sair. Possibilidade do jovem concluir o ensino médio integrado ao técnico em Agropecuária sem a necessidade de sair do campo, estudar sua realidade, conviver com alunos de outras regiões do Vale do jequitinhonha e trocar experiências, realizar estágios e visitas de estudos na região com pequenos produtores e ter uma formação Técnica e humana.



Mapa Tématico – EFAs: Simone Gonçalves Souza

E – Importância do Serviço Social para a Geografia: Considerando os aspectos apresentados na metodologia afim de descrever a relação do Serviço Social e Geografia; evidenciando a educação do campo, acredita que o ensino possibilitará a geração da própria renda da família, se preocupando com o contexto social dos alunos e seu futuro, os professores de Geografia argumentaram que é possível identificar várias semelhanças entre o Serviço Social e a Geografia, além de ambas as graduações pertencerem à mesma grande área “Ciências Sociais Aplicadas” o curso de Serviço Social precisa formar pessoas que entendem de cartografia e mapas temáticos, bem como território e territorialidade, e para que isso aconteça mais facilmente é necessário que o curso contenha em seu currículo a matéria de Geografia com o foco em cartografia social. Em se tratando de cartografia social consideram importante compreender a importância, por que sem essa compreensão não adianta apenas colocar o conteúdo no currículo do curso se a equipe pedagógica e os discentes não compreenderem completamente a importância disso. Na prática o Assistente Social está situado sob uma perspectiva crítica, que participa ativamente

da transformação social. Na prática do profissional de Serviço Social se firma sobre a possibilidade de atender as necessidades com maior eficácia. Assim o profissional contribui para o processo educacional sua atuação crítica e participativa e que por ventura esteja relacionada com a realidade, baseada no conhecimento em sua totalidade, estando frente às mudanças sociais, pode desenvolver um trabalho de articulação e operacionalização, de interação de equipe, de busca de estratégias de proposição e intervenção. Resgatando a visão de integralidade e coletividade humana e o real sentido da apreensão e participação do saber, do conhecimento.

## **6 DISCURSÃO**

As discussões aqui apresentadas estão relacionadas com o resultado de anotações acerca de observações recentes, mas também perpassam a minha experiência profissional e visitas durante o estágio da minha faculdade de Serviço Social na Efa Bomtempo. As pessoas deste estudo são, ao mesmo tempo, meus amigos. Portanto, conheço de perto as relações sobre as quais reflito neste trabalho porque também as vivi e as percebo, além de vivência com pessoas que estudaram na escola.

Isto posto, o estudo assinalou a importância da cartografia social no ensino aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico dos alunos e o conhecimento da linguagem cartográfica na problematização da realidade do cotidiano escolar, evidenciando a importância do ensino de geografia na educação do campo, esta conexão pode ser percebida no relato do professor sobre atividades propostas para os alunos. O grupo estudado apontou elementos que ajudam a compreender a educação do campo como uma visão de espaço de vida e riqueza, evidenciando a valorização da Escola Família Agrícola Bomtempo Itaobim – MG e sua contribuição para os alunos beneficiários. Demonstrando a importância do Serviço Social no Ensino de Geografia, possibilitando novas temáticas para valorização da profissão.

A partir dos dados levantados, é possível inferir que a cartografia social tem a função de aproximar o olhar para o lugar, assegurando um posicionamento crítico sobre a realidade, o professor pode propor um série de atividade, possibilitando ao aluno usar várias ferramentas para criar seu próprio mapa, nessa perspectiva

podemos citar que a utilização de outros recursos didáticos em sala de aula torna-se de suma importância. Portanto no ensino de geografia, além do livro, quadro e mapas, o uso das geotecnologias, como as imagens de satélites, constitui atualmente ferramentas necessárias na aprendizagem do espaço geográfico e dos vários conceitos e temas que são abordados por essa disciplina.

De acordo com Cavalcanti (2008) o mundo atual é marcado por avanços sobretudo nas áreas de comunicação e informação, ao tornar possível presenciar todos os acontecimentos e fenômenos, pois a comunicação ocorre em tempo real. Ainda conforme Cavalcanti (2008, p. 16), com o advento das tecnologias as pessoas passaram a vivenciar o mundo de modo mais próximo, “provocando familiaridades antes impossíveis entre determinados lugares e suas representações pelos meios de comunicação”.

Essas novas tecnologias constituem elementos essenciais para a geografia, pois garante uma melhor interpretação e representação dos fenômenos que se manifestam no espaço geográfico, “aperfeiçoando os conhecimentos sobre a relação sociedade/natureza e possibilitam a elaboração de projetos de gestão, planos de ordenamentos e reordenamentos territoriais e outras atividades relacionadas diretamente ao estudo do espaço geográfico” (EVANGELISTA; MORAES; SILVA, 2017, p. 156).

O estudo empreendido me permite presumir que a Cartografia pode contribuir no processo pedagógico, pois é capaz de possibilitar o desenvolvimento de conteúdos que articulam a razão global e a razão local.

Segundo relatório do professor de Geografia foi proposto aos estudantes realização de atividades envolvendo o tema recursos hídricos com objetivo de avaliar a disponibilidade de água para os diferentes usos, bem como a conservação das nascentes e análise da situação de nascentes nas comunidades. A pesquisa revelou dados preocupantes relacionados a nascentes de pequenos médios curso d’água que não correm mais de forma perene. Nas entrevistas foram citados alguns motivos para a seca das nascentes: desmatamentos, pisoteio de animais devido à falta de cercamento das nascentes e mudança no regime de chuvas.

Observando os critérios da cartografia social foi proposta a elaboração de um mapa pois a Cartografia Social é uma metodologia de intervenção comunitária que possibilita a construção de um conhecimento integral sobre o território, elaborado de

modo participativo e horizontal através da investigação-ação-participativa, fazendo uso de instrumentos próprios da construção de mapas e da iconografia (representação visual de símbolos e imagens), mas que tem como foco principal favorecer a reflexão sobre a conjuntura local desde a perspectiva da própria comunidade, levando em consideração desde aspectos macro a aspectos micro, assim como aspectos objetivos e subjetivos do grupo com o qual se trabalha.

Os estudantes puderam a partir da atividade adotar um pensamento crítico sobre a realidade dos recursos hídricos nas suas comunidades e posteriormente após comparar o conhecimento empírico adquirido nas comunidades com o conhecimento técnico adquirido na Escola Família Agrícola Bontempo propor mudanças na gestão dos recursos hídricos em suas comunidades.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cartografia social é considerada um ramo do conhecimento cartográfico que está voltada às questões sociais, proporcionando aos povos tradicionais auxílio na demarcação de seus territórios, reafirmando seus sentimentos de pertencimento e os instrumentalizando na luta pelos direitos sobre eles. Nesse processo de “mapeamento participativo” em determinados momentos ocorre a participação de pesquisadores e o uso das técnicas cartográficas para a construção desses mapas.

O professor pode propor uma série de atividades aos alunos, como a construção de maquetes, reproduções de escala e desenhos de mapas com trajetos conhecidos, sempre ensinando os conceitos cartográficos envolvidos. Fotos de satélite usando o Google Earth é uma ótima ferramenta para os alunos explorarem diversas regiões.

Os benefícios de aprendizagem com a cartografia são inúmeros, pois são desenvolvidas habilidade de várias áreas de ensino durante os anos escolares. Mas uma das funções mais importantes que a cartografia pode desenvolver é o senso crítico do aluno, que comparando regiões pode chegar a conclusões de como funciona a sociedade em que vive.

A Cartografia Social provoca o sujeito a construir novos códigos que podem ser problematizados pelo professor e assim reavaliar em conjunto o seu emprego. Ela pode ser vista como um processo de construção coletiva. Para nós a Cartografia Social é um caminho para a Cartografia, pois nos leva a entender a importância dos

mapas e o aspecto da intencionalidade na elaboração de cada um. O contato com os saberes e experiência da comunidade escolar foi de grande importância, com o intuito de demonstrar o ensino de Geografia na perspectiva do Serviço social, proporciona a valorização da profissão e demonstra a possibilidade de uma temática que valoriza a educação do campo e reafirma a necessidade de proteção do Estado e criação de políticas públicas em prol das EFAs do Brasil.

Com a necessidade de melhorar no mundo as perspectivas da sociedade, a cartografia e o serviço social podem e devem fazer um grande trabalho mapeando as anomalias, discrepâncias, rupturas e mazelas que vivem a sociedade e a partir dos dados levantados podemos amenizar o sofrimento de alguns por conta do assistencialismo. O geoprocessamento que é um grande aliado da cartografia no seu processo tecnológico contribui com uma grande rapidez para o processo minucioso das informações que serão obtidas.

Vale ressaltar que a cartografia Social no Brasil ganha visibilidade na Amazônia, sendo utilizado como instrumento de luta das comunidades tradicionais da floresta (Acseirad,2008). Isso possibilitou a espacialização de diversos atributos presentes no território elencando os conflitos existentes. Sendo uma metodologia que permite a participação efetiva da população e tem contribuído de forma significativa na luta social, política e territorial dessas comunidades (MENDES apud PUSSININI et al.,2012).

Demonstrando de imediato enquanto recurso metodológico, a cartografia pode ser utilizada tanto na análise do espaço rural como do espaço urbano, possibilitando, inclusive, uma análise territorial que articula essas duas dimensões do espaço geográfico, portanto contribui para a superação da dicotomia campo-cidade, visto que possibilita compreender a dimensão do território e suas relações.

Martinuci (2016, p. 41) afirma que:

A Cartografia, é preciso dizer, não é uma teoria do espaço geográfico, mas sim pode se constituir em um meio de fornecer subsídios para pensar os problemas sociais e espaciais de nosso tempo. Pode contribuir para a comunicação, para o questionamento, para a constatação das injustiças, das desigualdades, mas, também, para a elaboração de hipóteses e para a teorização. O mapa é a parte material do nosso esforço teórico, do nosso trabalho de compreender a realidade.

Nesse contexto a Cartografia Social surge como um método da ciência cartográfica, que segundo Gorayeb; Meireles; Silva (2015, p.9) privilegia “o

conhecimento popular, simbólico e cultura, como meio de produzir o mapeamento de territórios tradicionais éticos, sagrados e coletivos”. Sendo assim, esse mapeamento fomenta o reconhecimento dos territórios pelos sujeitos sociais que estão na região que vai ser representada.

Nessa perspectiva o mapa social confere empoderamento as comunidades que eram “esquecidas” por outros grupos da sociedade. Assim em se tratando de Serviço Social e sua relação com a educação do campo, vale ressaltar que Serviço Social é uma profissão que trabalha no sentido educativo de revolucionar consciências, de proporcionar novas discussões, de trabalhar as relações interpessoais e grupais. Assim, a intervenção do assistente social é uma atividade veiculadora de informações, trabalhando em consciências, com a linguagem que é a relação social (MARTINELLI, 1998).

Estando frente às mudanças sociais, pode desenvolver um trabalho de articulação e operacionalização, de interação de equipe, de busca de estratégias de proposição e intervenção. No sentido de resgatar a visão de integralidade e coletividade humana e o real sentido da apreensão e participação do saber, do conhecimento.

Nesse Contexto o assistente social deverá trabalhar com ações educativas e não só com soluções de problemas, entendendo que a educação se constitui em uma política social que tem como compromisso garantir os direitos sociais. Desta maneira, a prática do Serviço Social na escola se concretiza nas seguintes atribuições:

- Melhorar as condições de vida e sobrevivência das famílias e alunos;
- Favorecer a abertura de canais de interferência dos sujeitos nos processos decisórios da escola (os conselhos de classe);
- Ampliar o acervo de informações e conhecimentos, acerca do social na comunidade escolar;
- Estimular a vivência e o aprendizado do processo democrático no interior da escola e com a comunidade;
- Fortalecer as ações coletivas;
- Efetivar pesquisas que possam contribuir com a análise da realidade social dos alunos e de suas famílias.

O Serviço Social na educação do se apresenta com o objetivo de poder contribuir com a problemática social que é perpassada no cotidiano da comunidade

escolar –alunos, professores, pais – seja com encaminhamentos, orientações, informações, projetos de cunho educativo, que possam promover a cidadania.

Promovendo ações e projetos voltados para as famílias do campo, desse modo, entende-se que para atingir a criança e ao adolescente de forma integral, são necessárias intervenções no contexto familiar, seja em âmbito sócio-educativo, como também de momentos de ensino- aprendizagem e reflexão, em um viés de participação, autonomia e cidadania.

ALMEIDA, R. A.; CARMO, W. R. e SENA, C. C. R. G. **Técnicas Inclusivas de Ensino de Geografia** (capítulo 16), In: VENTURI, L. A. B. Geografia – Práticas de Campo, Laboratório e Sala de Aula. Editora Sarandi, São Paulo, 2011.

ALMEIDA, R. D. (org.) **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

ALMEIDA, R. D. de., PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto. 1999. 7 ed.

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

ALMEIDA, Rosângela D. **Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos**. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo.

ARCHELA, Rosely S.; SIMIELLI, Maria Elena R. **Bibliografia analítica da cartografia**.

AZEVEDO, Antúlio José de. **A formação de técnicos agropecuários em alternância no Estado de São Paulo: uma proposta educacional inovadora**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 9/2001b**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/00>

BRASIL, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 28/2001a**.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CALDART, R. Pedagogia do Movimento Sem Terra. Petrópolis: Vozes, 2004. FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Trabalho como princípio educativo. In: CALDART, R. S.; et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, expressão popular, 2012. p. 748-755.

CALDART, Roseli Salete (Org.). Por uma educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. p. 18-25. (Por uma educação no campo; n. 4).

CALDART, Roseli Salete et al. Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 201.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. In: MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Educação do Campo e Pesquisa II: Questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010. V.1, p. 103 – 126. Disponível em: [http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_arquivos\\_64/EDUCAÇÃO%20DO%20CAMPO%20e%20pesquisa%20II.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/EDUCAÇÃO%20DO%20CAMPO%20e%20pesquisa%20II.pdf) &gt;. Acesso: 12 out. 2018.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CFESS. Serviço Social na Educação. Grupo de estudos sobre o Serviço Social na Educação. Brasília: 2001.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL. Coletânea de Leis. Florianópolis: CRESS/12o Região, 1999.

HAMILTON, G. Teoria e Prática do Serviço Social de Caso. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

Londrina: **Portal de Cartografia**. p. 137-174, v.1, n.2, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia> ASSOCIAÇÃO DOS GEOGRAFOS BRASILEIROS - SP. Seleção de textos – Cartografia temática, São Paulo: AGB. n.18, 1988. 53p + anexos. Teoria e método. Seleção de textos, n.11. 1985. 41p.

MENEZES NETO, A. J. Formação de professores para a educação do campo: projetos sociais em disputa. In: ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. (Orgs.). Educação do Campo. Desafios para a formação de professores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 25-38.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Demanda das Escolas Família Agrícola ao novo governo de Minas Gerais. 2015.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Diretrizes da Educação do Campo de Minas Gerais. Dezembro, 2015.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Proposta de temário para nortear os estudos e a elaboração de propostas relativas a legislação e ações orçamentaria sem prol da EFA AMEFA , 2016.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação.ma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez; Lima: CELATS, 1983.

MOLINA, Mônica Castagna. Reflexões sobre o significado do protagonismo dos Movimentos Sociais na construção de Políticas Públicas de Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna;

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Educação do Campo Escola Família Agrícola de Goiás: o caminhar da teimosia de um movimento social educativo. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 8, p. 79-95, jan./abr. 2003.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Pedagogia da resistência: alternativa de educação para o meio rural. Gurapari: Ex Libris, 2007.0.

YASBEC, M. C. Classes subalternas e assistência social. São Paulo: Cortez, 1993.  
\_\_\_\_\_. Terceiro Setor e despolitização. Revista Inscrita, Brasília: CFESS, jul., 2000.